



NOVAS MASCULINIDADES? UM ESTUDO SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA UFSCAR

Guilherme Saade Floeter¹

O presente texto tem como proposta apresentar uma reflexão inicial e crucial acerca do método² adotado em minhas incursões ao campo, para realizar a parte empírica de minha pesquisa, que tem como objetivo investigar qual a concepção que os estudantes (alunas e alunos) de graduação da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) possuem acerca da(s) masculinidade(s) e, sobretudo, quais as mudanças que essa concepção simbólica e discursiva sofre a partir da experiência universitária (mudança de cidade, incorporação de tarefas domésticas nas repúblicas e novas sociabilidades).

Novas Masculinidades?

A idéia de se inquirir sobre as concepções de masculinidades entre os estudantes de graduação da UFSCar provém do fato de que dentro e fora do meio acadêmico, muitos têm sugerido que estaríamos vivendo uma crise de identidades (GOLDENBERG, 2000, 2004; HEILBORN, 2004; SIMÕES, 2005), na qual as velhas formas de identificação, supostamente fixas e estáveis, estariam sendo descentradas (HALL, 2005, p.9). Dentre as identidades em crise estariam e teriam destaque as de gênero.

Pode-se afirmar que, de forma geral, as principais mudanças que afetaram as identidades de gênero nas últimas décadas são: as transformações na família, ou seja, a crise da forma da família nuclear burguesa (monogâmica e heterossexual); a entrada da mulher no mercado de trabalho; a separação da sexualidade da reprodução e; uma política de maior visibilidade de gays e lésbicas (ARÁN, 2003, pp. 400-401).

Tais mudanças estão diretamente relacionadas com transformações percebidas nas relações de poder entre homens e mulheres, mas também entre homens e mulheres cujas identidades são hegemônicas frente àqueles e àquelas que um dia já foram vistos como desviantes e anormais (gays, lésbicas, transsexuais e transgêneros) (MISKOLCI, 2005, s/p). E é justamente na análise dessa dinâmica relacional entre a masculinidade hegemônica, ou seja, o modelo socialmente imposto e esperado de masculinidade, e essas masculinidades outras subordinadas a ela, que podemos chamar

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar.

² O método aqui é pensado não apenas como um procedimento, mas como a relação entre a empiria e a teoria.



de subalternas (por exemplo, a masculinidade elaborada pelos gays e adotada como modelo de comportamento pelos mesmos) (ALMEIDA, 2000; KIMMEL, 1998), que essa pesquisa busca se inserir. Por isso o uso do termo masculinidades no plural, apesar de o discurso social corrente no senso comum compreender a masculinidade no singular e associada à heterossexualidade (LARA, 2006, p.3). Portanto, parte-se da dinâmica relacional presente na constituição das identidades masculinas, que por sua vez, são construídas também em relação com as identidades femininas.

Na perspectiva dos estudos de gênero problematizam-se essencializações que fixam modelos de masculinidades e feminilidades baseados em atributos que seriam produtos de características supostamente naturais e inatas. Toda identidade é construção histórica e social e as identidades de gênero não escapam a isso. Sua aparente naturalidade foi desconstruída teoricamente e, hoje sabemos, nada mais é do que um mito social poderoso que permite e auxilia na instauração e manutenção de desigualdades sociais por meio da atribuição de poder àqueles que nossa sociedade considera superiores.

A maioria dos estudos sobre a identidade masculina se configuram como estudos construcionistas, análises históricas sobre como se dá a construção social da masculinidade. Daniel Welzer-Lang (2001), parte do estudo das relações homens/mulheres e homens/homens como relações sociais de sexo, que de acordo com ele são produto de um duplo paradigma naturalista que dota os homens de uma natureza superior, que remete à dominação masculina, ao sexismo e as fronteiras rígidas e intransponíveis entre os gêneros masculino e feminino e; a visão heterossexualada do mundo na qual a sexualidade considerada “normal” e “natural” está limitada às relações entre homens e mulheres, deixando as outras sexualidades nas margens da sociedade (p.460). A partir desta perspectiva, o sociólogo francês foca sua análise nas relações homens/homens para mostrar como este grupo também é estruturado pelos mesmos processos de dominação:

“o duplo paradigma naturalista que define, por um lado, a superioridade masculina sobre as mulheres e, por outro lado, normatiza o que deve ser a sexualidade masculina produz uma norma andro-heterocentrada e homofóbica que nos diz o que deve ser o *verdadeiro* homem, o homem *normal*”³

Nesta mesma perspectiva de incorporar a categoria da sexualidade na análise, está o estudo empreendido por Amílcar Torrão Filho (2005) que foca no fato de a feminilidade ser a grande ameaça a heterossexualidade masculina. E afirma que “Homens gays são definidos quase inteiramente em termos de sua masculinidade, ou melhor, em termos de sua ausência” (p. 144). O

³ WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e a homofobia*. Revista de Estudos Femininos. Florianópolis, UFSC, ano 9, vol.9, segundo semestre de 2001, p.468.



motivo de maior ansiedade entre os homens com relação à homossexualidade reside na identificação destes com o feminino, com o ser dominado por outro homem como se fosse uma mulher. Mais do que o desejo por outros homens, é o repúdio às mulheres que incomoda aos heterossexuais (inclusive as mulheres), aparecendo como a “essência” do que significa ser homossexual. E por esse motivo, ele considera que a sexualidade é parte constituinte das identidades de gênero, em especial a masculina (TORRÃO FILHO, 2005, p. 145).

Justamente nesta perspectiva de incluir a sexualidade⁴ como parte integrante da compreensão das identidades de gênero, no caso a masculina hegemônica, que as contribuições da Teoria Queer se fazem indispensáveis para esta pesquisa. Pois os estudos queer sublinham a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social contemporânea. Nas palavras do sociólogo Steven Seidman, o *queer* seria o estudo “daqueles conhecimentos e daquelas praticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais”. (SEIDMAN, 1996, p.13) A partir disto, a Teoria Queer propõe não tomar a (hetero)sexualidade como dada, e antes focar nos processos (normalizadores) que instituem as identidades, no caso as masculinas, como hegemônica e subalternas, evidenciando/problematizando as atribuições de poder a elas concedidas.

De acordo com Richard Miskolci (2009), a Teoria Queer é mais sofisticada do que o construcionismo e ainda impõe as menos dois grandes desafios às investigações sociológicas: perceber que nenhuma faceta da vida social pode ser compreendida sem um exame de como os significados sexuais se interseccionam com ela; e pelo fato de impor às Ciências Sociais a necessidade de rever seus pressupostos de forma a focar no hegemônico como objeto de estudo e análise crítica (MISKOLCI, 2009, p.170).

Problemas no “campo”

A Teoria Queer compartilha de pressupostos provenientes do pós-estruturalismo, o qual problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação, de forma que

⁴ A Sexualidade aqui é pensada nos termos foucaultianos: “A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. Ou seja, um dispositivo histórico do poder que marca as sociedades ocidentais modernas e se caracteriza pela inserção do sexo em sistemas de unidade e regulação social. (FOUCAULT, 2005, p.100)



podemos dizer que na teoria queer, os sujeitos são sempre encarados como provisórios, circunstâncias e cindidos. Retirando qualquer noção de uma essência individual que conformaria tanto a identidade quanto as práticas dos sujeitos. Como afirma Joshua Gamson: “os estudos queer são basicamente uma iniciativa desconstrutiva, que desmonta a noção de um eu definido por algo que se encontra em sua essência, seja este o desejo sexual, a raça, o gênero, a nação ou a classe.” (GAMSON, 2006, p.346) Desta forma o gênero e a sexualidade são encarados a partir de uma perspectiva discursiva/simbólica na qual os significados produzidos em volta destas atribuições são problematizados a partir das relações de poder que suscitam.

Portanto, a partir desta crítica do sujeito, como proceder em minhas incursões ao campo? Como encarar os sujeitos de minha pesquisa e mesmo a minha posição enquanto pesquisador, já que a teoria me alerta que os sujeitos/posições de sujeito são construídas a partir dos discursos que pretendem localizá-las? Ou seja, como não essencializar os sujeitos de minha pesquisa? A proposta da feminista e teórica pós-colonial, Avtar Brah (2006) de se fazer uma análise interseccional, tomando a *diferença* enquanto categoria analítica ao invés de uma categoria específica, como o gênero ou a sexualidade, foi a maneira encontrada de resolver estas questões.

Análise Interseccional

Avtar Brah (2006) propõe uma abordagem historicizante, na qual se compreenda a intersecção das categorias da diferença, evidenciando a maneira que certas categorias se interconectam. Não propondo uma somatória de opressões, mas mostrando como a intersecção de certas categorias forma uma realidade específica. De acordo com ela: “estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro de outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela” (BRAH, 2006, p. 351).

A partir disto ela sugere quatro maneiras de se conceituar a diferença: diferença como experiência, diferença como relação social, diferença como subjetividade, e por fim, diferença como identidade. Pode-se dizer que as três primeiras formas de se conceituar a diferença (experiência, relação social e subjetividade) constituiriam a quarta forma, a identidade, que para a autora:

“A identidade pode ser entendida como o próprio processo pelo qual a multiplicidade, contradição e instabilidade da subjetividade é significada como tendo coerência, continuidade, estabilidade; como tendo um núcleo – um núcleo em constante mudança, mas de qualquer maneira um núcleo – que a qualquer momento é enunciado como o “eu”.⁵

⁵ BRAH, Avtar. *Diferença, Diversidade, Diferenciação*. Cadernos Pagu, Campinas, n.26, jan./jun. 2006, p. 371.



Portanto, com as proposições de Brah (2006) pode-se/deve-se partir ao campo com a preocupação de entender os vários discursos que estão atuando na situação de pesquisa, quais discursos (in)formam os sujeitos de pesquisa. Assim como, nesta mesma perspectiva relacional, quais os discursos que informam a posição de sujeito do pesquisador/a, ou seja, como este último é percebido, e como isto influencia a situação de pesquisa. Levando sempre em consideração as relações de poder suscitadas por essas posições.

Bibliografia

- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 2000.
- ARÁN, Márcia. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. *Revista Estudos Feministas*, vol.11, no. 2, jul./dez. 2003, p. 399-422.
- BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.26, jan./jun. 2006, p. 329-376.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.
- GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2006. p. 345-362
- GOLDENBERG, Miriam. A dominação masculina na juventude. In: Goldenberg, M. *De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia. In: Goldenberg, M. (Org.) *Os Novos Desejos*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2000, p.13-39.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é Par: Gênero e Identidade Sexual em Contexto Igualitário*. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.
- KIMMEL, Michael S. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. Horizontes Antropológicos: Corpo Doença e Saúde, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out. 1998, p. 103-118.
- LARA, Oswaldo. *Masculinidades na Revista VIP*. 2006. 66 pág. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - UFSCar, São Carlos.



MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização*. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

_____. *Corpos Elétricos: do assujeitamento à estética da existência*. *Revista Estudos Feministas, Florianópolis*, v. 15, n. 1, dez. 2006, p. 681-693.

_____. *Vivemos uma Crise das Identidades de Gênero?* CD 29.o Encontro Anual da ANPOCS. São Paulo: ANPOCS, 2005.

PISCITELLI, Adriana. *Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras*. Sociedade e Cultura, Goiânia: UFG, v.11, n.2, jul./dez. 2008, p. 263-274.

SCOTT, Joan W. *A Invisibilidade da Experiência*. Projeto História, São Paulo, n.16, fev. 1998, p. 297-325.

SEIDMAN, Steven. *Queer Theory/Sociology*. Cambridge-MA, Blackwell, 1996.

SIMÕES, Júlio Assis. *Homossexualidade Masculina e Curso da Vida: Pensando Idades e Identidades Sexuais*. In: Piscitelli, Adriana et alli. (Org.) *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro, Garamond, 2005. p. 415-447

TORRÃO FILHO, Amílcar. *Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam*. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.24, jan./jun. 2005, p. 127-152.

WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e a homofobia*. *Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, UFSC*, ano 9, vol.9, segundo semestre de 2001, p. 461-481.